

A SENHORA DA MONTANHA

HERBANARIUM: O FIM DO INFERNO

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: A SENHORA DA MONTANHA

Subtítulo: Herbanarium: O Fim do Inferno

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Fantasia sombria / thriller metafísico / ficção especulativa / horror filosófico

Extensão: 305 páginas

Estágio de desenvolvimento: Pronta

Público-alvo: Leitores adultos de fantasia sombria, suspense sobrenatural, ficção especulativa, horror metafísico e narrativas sobre morte, memória, reencarnação, poder e cosmologias alternativas.

Formato de exploração: Publicação literária e adaptação audiovisual.

2. Pitch

João Sanctis aceita trabalhar, ao lado das filhas, no sítio do professor Lúcio. O lugar parece apenas excêntrico até que o barco ancorado no lago - com um cofre preso ao mastro - se transforma na passagem para o Herbanarium, uma região de tormentos onde humanos aguardam a seleção dos Gusmans para retornar à Terra. Em Redblok, os escolhidos têm lembranças e energias drenadas nas usinas Z-MEM antes de uma nova existência. Separado das filhas, João atravessa esse universo em busca delas e descobre que o sítio, seus visitantes e a misteriosa Senhora da Montanha estão ligados a uma disputa entre os arquitetos do universo. A SENHORA DA MONTANHA é uma fantasia sombria sobre morte, memória, recriação e uma revelação devastadora: talvez a vida humana seja apenas uma etapa de um sistema muito maior - e nada benevolente.

3. Sinopse

“Grandes navios despontam das brumas, nos atracadouros do rio e provocam frenesi estonteante no Herbanarium, aumentando a expectativa entre seus habitantes, ansiosos pelos Gusmans de Redblok, para retornarem à Terra. Então houve guerra no céu, conforme previsto. Eis que ele cansou da peleja, e tudo mudou.”

Narrado pelo protagonista João Sanctis, que, com suas filhas, é convidado para trabalhar no sítio do professor Lúcio, que passa as tardes em conversas intermináveis com uma linda mulher e com um homem idoso, dentro do enigmático barco com cofre no mastro.

Pesadelos nebulosos e sensuais com a mulher e com suas filhas assomam João até à beira da loucura. Certo dia, após entrar no barco, durante uma violenta tempestade, adentra numa região onde os humanos são atormentados por demônios, corvos, lobos e desolação, enquanto aguardam a seleção mensal para o retorno à Terra - escolha realizada por seres chamados de Gusmans, encarregados de levar os escolhidos para Redblok, onde todas as pessoas, antes de serem reintroduzidas para nova existência terrena, têm suas lembranças e energias drenadas nas usinas Z-MEM.

Dá-se início à jornada de João pelo Herbanarium em busca de suas filhas, durante a qual descobrirá quem são os visitantes e o dono do sítio, envolvendo-se na inimaginável disputa entre os arquitetos do universo, onde as vidas humanas são apenas peças de um jogo inimaginável.

Você será convertido em refém e descobrirá que o Herbanarium é o destino da humanidade. A morte nunca foi o final, e os deuses não estão interessados em você.

E você, no final, compreenderá que nunca esteve vivo.

4. Diferenciais e posicionamento

- **Cosmologia própria.** Herbanarium, Redblok, Saeculorum, os Gusmans, os mortos-nunca-mortos e as usinas Z-MEM formam um universo ficcional com regras, territórios e mitologia próprios.
- **Morte como sistema, não como encerramento.** A narrativa desloca o além-vida para uma engrenagem de seleção, drenagem de memória e retorno, transformando a morte em passagem e mecanismo de controle.
- **Protagonista-testemunha.** João Sanctis narra a experiência em primeira pessoa e conduz o leitor do cotidiano reconhecível do sítio e da família para uma realidade progressivamente impossível.
- **Mistério de entrada forte.** O professor Lúcio, seus visitantes, o barco no lago e o cofre preso ao mastro funcionam como elementos concretos que antecipam a ruptura entre o mundo comum e o Herbanarium.
- **Escala crescente.** A busca pessoal pelas filhas se amplia até uma disputa entre entidades e arquitetos do universo, elevando o conflito familiar a uma guerra cosmológica.
- **Título-personagem.** A Senhora da Montanha emerge como figura central da mitologia da obra, ligada à morte, à recriação e ao equilíbrio entre mundos.

5. Potencial editorial e comercial

A obra combina fantasia sombria, suspense sobrenatural, horror metafísico e ficção especulativa em uma narrativa de 305 páginas com forte identidade de universo. O ponto de partida - um homem e suas filhas em um sítio dominado por acontecimentos inexplicáveis - oferece entrada acessível antes da expansão para uma cosmologia de grande escala.

O Herbanarium e seus mecanismos de retorno à Terra fornecem uma premissa facilmente comunicável: a morte não encerra a existência, mas conduz a um território de seleção, apagamento de memória e reciclagem humana. A construção de lugares, entidades e regras favorece leitores de séries fantásticas, universos mitológicos e narrativas que combinam aventura com questões existenciais.

6. Potencial de adaptação audiovisual

- **Imagética de alto impacto.** O barco atravessando a tempestade, o cofre no mastro, as brumas, os corvos, lobos, demônios, navios e territórios do Herbanarium oferecem um repertório visual imediatamente cinematográfico.
- **Mundos contrastantes.** O sítio e o lago funcionam como base realista, enquanto Herbanarium, Redblok e Saeculorum permitem uma progressão visual de escala e estranhamento.
- **Motor dramático claro.** A busca de João por suas filhas sustenta emocionalmente a travessia por um universo complexo e mantém o objetivo do protagonista compreensível ao espectador.
- **Mitologia serializável.** As entidades, regiões, hierarquias e conflitos entre os arquitetos do universo comportam expansão episódica e desenvolvimento de arcos paralelos.
- **Formato.** A densidade do universo e a extensão da jornada favorecem especialmente minissérie ou série limitada, sem excluir adaptação cinematográfica de fantasia sombria.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores adultos interessados em fantasia sombria, horror metafísico, suspense sobrenatural, ficção especulativa, mitologias originais, mundos paralelos e narrativas que exploram morte, memória, reencarnação, livre-arbítrio, identidade e poder.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentres Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capítulos 1 a 6



CAPÍTULO 1

ESTAVA SENTADO NO AMPLO SALÃO IMPERIAL DO SAECULORUM, ENQUANTO A Senhora da Montanha caminhava para o lado e arrastava a longa cauda do vestido branco. Ártico, o seu gigante felino alado, do lado de fora, vibrava suas extensas asas brancas de cristal, e me enchia de lembranças do Dédalo e de todos os valorosos combatentes de Cochyra. Seis velas ardiam no parapeito da janela perto da lareira. Outras duas tremeluziam, uma de cada lado da lareira, cujo fogo era mantido com madeira retilinearmente cortada. Ela parou diante das chamas e jogou pozinhos coloridos sobre elas (vi bolsinhos no vestido, onde guardava pós para abrir portais entre os mundos, pós para trazer à vida e pós para diversos fins, além de sementinhas e minúsculos objetos – coisas da Morte, pensei). Ela fechou os olhos e pronunciou uma prece; notei o respeito reverencial quando proferiu a palavra ‘noite’, após o que voltou a abri-los para encarar a lareira. Olhei para o objeto em minhas mãos – a foice; e agora sabia que, muito além do imaginado, ela entregava ao seu portador a onipresença, onisciência e onipotência do único ser imbatível do universo. Acompanhei seus passos sem nem piscar. - Mostre-me se tomei a decisão correta, ó Noite – disse, com os olhos pousados nas chamas. Figuras escarlates formaram-se, misturaram-se e se dissolveram, para em seguida reaparecerem diferentes, aterrorizantes, enigmáticas, com rostos sem expressões. Assombrei-me com as visões. Fitei-a. A Noite falava com ela através das chamas e ela mantinha o olhar concentrado nas chamuscas que pareciam torres junto do mar, sucumbindo à maré de mortos-nunca-mortos que se erguia e parecia pronta para fazê-las desaparecer nas profundezas. Grandes sombras rodopiavam, como corpos durante o sexo. Enfim, após um tempo, vi rostos dos muitos que encontrei no Herbanarium, no Condado, em Redblok e no sítio. Alguns com vestimentas antigas, outros quase nus. A Senhora da Montanha respirou com força, como se o fogo estivesse dentro dela. A figura de um rosto surgiu no fogo, tomando forma no interior da lareira. Que feições eram aquelas? Eram escuras e brilhosas, faiscantes e sibilantes, como se ventos a soprassem. Seu olhar era potente como um milhão de olhos. Estranhas vozes a chamaram e distingi a voz de uma mulher que pedia perdão e insistia em dizer não ser traidora. Essa mulher chorava e as suas lágrimas eram como nuvens cinzentas. Vi setas chamejantes junto dela, arqueadas

por cima da grande muralha do Saeculorum, cujo céu, naquela visão, estava opaco e permeado de estranhos animais alados, enquanto coisas mortas se arrastavam, silenciosas, através das montanhas, em cujos vales fogueiras ardiam nas grutas, sob o vento suave que vinha das florestas de Instria e de Redblok. Novamente escutei sussurros, e entre eles ouvi a voz da mulher pronunciar o nome da Senhora da Montanha. Ela parecia triste, como se tivesse praticado um ato censurável, como se esperasse a punição por ter falhado. Outro espectro apareceu, segurando uma corda repleta de pedras que brilhavam. Um homem vestido como selvagem, usando um colete de couro com mangas dobradas, salpicado de botões de bronze, por baixo de uma jaqueta surrada em tons de castanho e cinza. Seu rosto não era ossudo como pensei inicialmente. Nada de ossos na face macilenta. Era alongado e parecia calvo, com o cabelo recuado nas têmporas, olhos feios e cara encovada. Também estava envolto em sombras e por uma irregular névoa cinzenta. Perto dele estavam outros como ele – mortos, visivelmente sob seu comando, portando clavas, lanças, punhais, espadas, armas elétricas e bandeiras com um inacabado círculo vermelho pintado. Esses sim eram esqueléticos e exibiam ossos e farrapos. - Chegou o tempo do fim da Morte – sussurrou em meio ao crepitar das chamas. O selvagem alisou a corda e tirou o punhal da bainha. - Isto – disse. – Terminará seus ciclos, Milady do Saeculorum. Ela não dedicou atenção ao aço da arma, mas não perdeu de vista a corda com os brilhantes. Respondeu como se ele estivesse no salão: - Pois que tente – disse. Outro homem apareceu junto do selvagem. Não tinha rosto e sequer parecia humano. Irradiava tamanha luz, que nem a força do fogo a diminuiria. Segurava um elmo, com uma espada embainhada e seu porte era o de um cavaleiro portentoso. Fincou o estandarte com o desenho de duas espadas cruzadas e nada falou, mas colocou a mão no ombro do selvagem, fazendo sinal para que ele falasse. - Todos os dias penso em como será sua derrota. Como será o fim do seu poder – disse. Ele pôs-se a limpar o punhal no colete. - Os homens enxergam o que

esperam ver – ela rebateu. Ela gesticulou e proferiu palavras inaudíveis. Os sons ecoaram nos cantos do salão, incomodando o selvagem e o outro. Olhei bem para ela e compreendi que seus lábios não

balbuciavam nem uma palavra, e percebi que todas elas vibravam mentalmente. O metal do punhal do selvagem escureceu, e as farpas de luz e sombra em volta dele contorceram-se, reduzindo pouco a pouco a força dele e do homem sem rosto. Os ossos dos mortos ficaram chamuscados e amarelados. Alguns tiveram os crânios rachados e outros se dissolveram, enquanto dedos cinzentos rastejavam através das chamas. Entre eles, surgiu uma nova face: limpa, firme e sedutora. Era um ser de aspecto masculino. Ele sorria, dobrava o corpo e exibia o gigantesco exército que formava. Milhares de guerreiros. Bem armados e munidos com o seu emblema: uma bandeira vermelha com a letra ‘V’ cercada por estrelas. A Senhora da Montanha resfolegou, jogou uma mistura de pós nas brasas e alimentou o fogo com fatias de madeira, energizando, com a lenha, as chamas, que saltaram mais robustas, ferozes como se enfrentassem os poderes mais sombrios e indesejados, tragando o selvagem, os dois homens com suas bandeiras e tudo mais que circulava nas labaredas. - Ó Noite, minha mãe, esteja comigo nessa nova luta – murmurou, com os braços abertos. Deslizou dali pelo piso de mármore até a janela do flanco e fitou as planícies em volta. Observou calada a estrada iluminada, enquanto via a corrente da luz conduzindo os seletos. Contou até parar no número vinte e sete. Depois, olhou para o comprido rio e recostou o cotovelo no beiral. Não pronunciaria nem mais uma palavra a partir daquele instante por um bom tempo, mas sabia que estava profundamente triste. O mesmo delicado abatimento que a tornava sedutora, a consternação norteadora da sua existência. Em seguida, escorregou os olhos até a parte mais escura e devastada. O Herbanarium estava lá. Permanecia como sempre, o mesmo inferno, com seus desesperados habitantes, suas vilas fragilmente protegidas, e ao mesmo tempo açoitadas pelas calamidades, formando o condado absolutista, onde o Doge continuava a ditar ordens, sempre ávido pelos navios, que abriam espaços para as multidões vindas da Terra, chamada de Humus, ou planeta H, como diria sempre malditamente irônico, Pantifides. - Perdão, Noite – disse. – Mais uma vez, reunirei o exército das capas platinadas e convocarei todos os que me são súditos; e, se preciso for, eu os destruirei. Ergui-me, pensando se ela se referia ao homem da bandeira de duas espadas, ao do estandarte com o ‘V’ envolto por estrelas ou ao outro, o do círculo inacabado. Olhei-a bem; ela, a morte, queria chorar. Seus olhos úmidos estavam acostumados ao negrume. Dália, a coruja do sacerdócio, fazia um rasante ali perto, enquanto eu mensurava os seus

pensamentos. Acaricieei sua face e peguei em seu ombro. Seus olhos estavam fixos. Era incrível a sua capacidade de enxergar e ouvir à distância. Podia ver um coelho mesmo se estivesse dezenas de quilômetros dele; podia escutar como se falassem ao lado, embora a distância fosse de quilômetros. Condições visuais e auditivas que absorvi com o tempo. Ela meneou o pescoço e apontou para as cabanas do Herbanarium fechado. Mostrou-me um espaço grande onde havia uma enorme cova para fogueira, escavada no centro do chão de terra, cujas chamas ardiam, subiam e crepitavam até o teto, manchando de fumaça as telhas do casebre. Enquanto observávamos, pessoas emergiam do meio delas, saindo das sombras, com seus olhares cansados. Apareceram das aberturas de túneis escuros como breu. Ela inspirou profundamente e me olhou. Nada precisava ser dito, sabíamos o que tinha sucedido. Os dias daquele inferno estavam contados, mas batalhas horríveis estavam por vir. O mundo dos mundos, o-último-dos-lugares, abalaria a estrutura de todos os universos. Pouco sobraria depois do conflito. Nesse instante, ela girou minha face para o alto autorizando-me ver o que somente ela enxergava: a Noite, sua mãe. As nuvens moveram-se junto com as estrelas, formando uma face indefinível, gigantesca e sublime. Um súbito e torturante ataque de tosse me obrigou a dobrar o corpo. Após um momento eu me recuperei. Maria estava ao lado, com os olhos entreabertos e o semblante anuviado. Parecia mais fortalecida, muito mais forte do que no lago ou no Condado. Algo roubava todo e qualquer ruído; os animais e aves tinham sumido, o Herbanarium não era mais visto e nada em volta estava como antes, enquanto soava a voz úmida e espessa através dos possuídos lábios da Senhora da Montanha. - As sombras serão terríveis, e nenhuma criatura viva ou morta resistirá. Todos os domínios serão abalados. Não haverá obstáculo e nenhum tipo de truque ou magia terá força diante delas, pelo menos enquanto você estiver adormecida e aprisionada. Segurei seus braços, que tremiam e estavam acinzentados. Seus olhos giravam e estavam brancos. Preocupei-me, sentindo-me incapaz de interferir.

Ela livrou-se de mim, deu uma gargalhada e continuou: - Os ossos ajudam; o forte encantamento será feito com ossos e diamantes, com palavras murmuradas e orações diante da sombra daquele que foi feito de você, para furtar sua essência e tragar tudo o que existe, como um manto enrolado num corpo, com desordem da ordem, com os vivos sujeitando-se ao enredo dos mortos-nunca-mortos!

A Noite afastou-se dela, e ela prostrou-se, ofegando, com os cabelos sobre a testa e os ombros apertados. Aos poucos, o corpo relaxou e socorri-a quando me estendeu a mão. Estava exaurida, suada e fora do tom. Ajudei-a a se aprumar e ela agradeceu, despedindo-se da Noite, que recolocara o firmamento em ordem outra vez. Logo, as corujas piaram, os animais ressurgiram e o vento sibilou sobre o Herbanarium, como se nada tivesse havido. Inspirei o ar gelado que soprava das longínquas muralhas naturais de pedra e gelo, que separavam todo aquele lugar do mundo dos vivos. Para mim estava claro demais. Ela corria perigo, embora eu não tivesse noção alguma a respeito dos poderes dos seus adversários e de como eles fariam para impor fim à existência da Morte. Ficariamos juntos, depois de tudo? Imunes às mazelas trazidas pelo grande acordo entre os tradicionais e antigos contendores, em seus hercúleos esforços para saciar a sede insana que mantém acesa a chama da eterna disputa? Nesse ponto, preciso esclarecer como tudo começou.

FUI PROFESSOR, MAS OS RENDIMENTOS ERAM INSUFICIENTES E LOGO ASSUMI A jardinagem e a administração de imóveis como minhas principais fontes de renda. O passar dos anos demonstrou que isso traria ganhos melhores e decidi ficar por aí, abandonando a cátedra, o que facilitou a mudança para uma pequena cidade com minhas duas filhas. Isis, muito parecida com a mãe, era bastante reservada, tímida e deprimida. Sonhava ser pianista ou trabalhar com música; e Semiramis, um ano mais nova, muito mais decidida e calorosa. Garotas adoráveis e belas; resultado de um casamento feliz, que perdurou até o falecimento da minha esposa Miriam, no parto de Semiramis. A modificação da vida da minha família aconteceu num período no qual as pessoas pareciam cansadas, indispostas e inseguras com a aparente tranquilidade mundial noticiada na imprensa. Um paradoxo, certamente. Mas foi assim que encontrei, num dos armazéns da região, um homem alto, com aspecto de estrangeiro, que se interessou pelos meus serviços, e me convidou para trabalhar no seu sítio após ler o cartaz colado na parede do caixa. Ele tossiu polidamente, retirou ciscos espalhados sobre o casaco, e lançou a magnética oferta.

– João Sanctis – pronunciou meu nome solenemente. – O homem das muitas atribuições conforme sua propaganda. Ouvi dizer que conhece como poucos como bem administrar um imóvel, deixar tudo sob controle, limpo, organizado e perfeito. - Não sei se sou assim tão completo, tão poderoso – retruquei. Ele riu com toda a face e disse: - Ora, veja só. Deixe a modéstia para outro. - Procuro acreditar que meus clientes fiquem satisfeitos. - Acreditar? Posso lhe apresentar um enigma a respeito de acreditar? - Nunca fui bom com enigmas. - Imagine que dentro de um palácio estão um presidente, um sacerdote e um banqueiro. - Sim. - No palácio existe uma assassina disposta a envenenar qualquer um se for bem paga. Ela é reconhecida por suas habilidades em proporcionar mortes sem vestígios. Animei-me com a conversa. Ele notou e sorriu antes de prosseguir: - Cada homem contrata a matadora para colocar veneno na bebida dos outros dois, o que cria um circuito mortal. - Sem dúvidas. Ele colocou a mão no meu ombro e perguntou: - Quem sobreviverá e quem morrerá? - A mulher? Ele bateu algumas vezes no meu ombro. - Sim, se ela souber executar a tarefa. Quero saber quem viverá entre o presidente, o religioso e o banqueiro endinheirado. Lembre-se que a assassina não tem o poder do presidente, o dinheiro do milionário e nem a graça do sacerdócio, mas acredita na habilidade que tem e confia plenamente nos venenos que usa. - Ela tem o poder de vida e de morte. - O poder é uma abstração interessante, meu caro. Se quem tem o veneno comanda, para que ter um presidente que dê ordens? O poder está onde a pessoa acredita que esteja; geralmente está no interior de cada pessoa, que muitas vezes dúvida da própria capacidade. - Depende do ponto de vista. - A maioria dos homens recusa mais depressa uma verdade do que a enfrenta.

- Isso é verdadeiro. - Tanto quanto perguntar por que será que o vizinho que saber o que tem atrás do muro que você construiu ontem. Algumas portas se fecham para sempre, enquanto outras se abrem nos lugares mais inesperados. - Tomara que seja mesmo assim. - Assim é. Tudo funciona dessa

maneira no universo, como a lei da entropia, compreende? Você quebra um ovo, mas não pode reconstruir esse mesmo ovo. Você queima um jornal, mas as cinzas não fazem o mesmo jornal. Sempre haverá a ordem e a desordem, o simples e o complexo como condições necessárias para o salto seguinte. Ele olhou para o cartaz, bateu palmas, entregou-me o endereço e ficou quieto repousando o olhar em mim. - Esse local está... - Abandonado? Não. Adquiri a propriedade e a reformei. Você conhece a região do lago? Ele cruzou os braços e me olhou como se eu fosse um objeto raro colocado para apreciação. O brilho no seu olhar era intenso, mas não provocativo. Parecia um grande holofote iluminando as águas de uma praia que seria um bom lugar para se esconder. Ele colocou uma das mãos no balcão e pegou um jornal. Virou-o e percebi a fotografia de uma grande doca e um porto, com nuvens encobrindo o raiar do sol. O ar tornou-se quente em volta de mim como se os raios solares refletidos naquelas nuvens estivessem todos direcionados na minha direção. - Sim, claro que conheço. Ele nada mais falou e nem mais seria necessário, apenas preparar minha família para a mudança, que seria como tantas outras. Ao menos era nisso que acreditava até então, acompanhando-o com o olhar, enquanto se afastava, sob o rumor de passos macios e rápidos. Diria que parecia saído de um livro medieval ou algo do gênero, quando o vi passar pelo pórtico e avançar até o carro estacionado à porta. Fiquei meditativo sem tirar meus olhos do seu veículo, até que vi novamente seu rosto agudo, com um riso discreto, intuitivo e perspicaz, que interpretei como um aviso: 'prepare-se para surpresas, João Sanctis'.

CAPÍTULO 2

ALGUM TEMPO DEPOIS, ISIS COROU QUANDO ME VIU SENTADO JUNTO DA CAMA. NÃO que proibisse meu acesso ao seu quarto, mas porque inferiu que já a aguardava. Ao menos era isso que li na sua face. – Precisamos conversar – disse-lhe. Ela fechou a porta atrás de si e apertou o rosto.

– Fale baixo, por favor. – Pensei que tivesse superado. Arremessei as cartelas do antidepressivo sobre o móvel e me levantei. Isis jogou as costas no armário, abaixando a cabeça. Ela soluçou e a abracei. – Estou com você – disse-lhe. Ela fechou os olhos, apenas para deixar as lágrimas escorrerem. Toquei no seu rosto para encorajá-la. Apesar da tristeza estampada na face, ela sorriu, pegando o lenço na bolsa. – Você leu? – Sim. – Não suporto mais... – Superaremos... calma, nada como um dia após o outro. Pausei, após o bordão. Ela desatou o choro. Apertei-lhe o braço. – Contou ao médico? – Não. – Você voltou a fazer o diário, com os relatos? – Sim... Não aguardou meu pedido e abriu a porta do armário. Agachou-se diante das gavetas plásticas, para sacar da mais baixa uma pasta verde, fechada por um elástico. Dirigi-me ao sofá. Isis retirou documentos da parte maior, e espalhou no chão o passaporte, a identificação do trânsito, fotos e várias carteiras estudantis. – Olhe essa – disse-lhe, pegando uma fotografia onde disputávamos torneios de tiro e arco com flechas. – O senhor era bom. – Você também. Veja essa outra... o dia que renovei meu estoque de ferramentas... ancinho, foice, martelo, chaves... – Precisava – disse, melancólica. Enquanto ela mexia nos objetos, mirava sua silhueta alquebrada. O torso cansado, as olheiras, as mãos trêmulas. Embora tão próximos, senti-me distante e impotente naquele instante, sem saber o que dizer para ela. O problema, ao menos era assim que o alcunhamos na época, não era novo. Jurava termos resolvido após as férias de julho do ano anterior, quando retornamos da viagem à praia. Isis

havia até enamorado um rapaz do vilarejo, estava mais sociável e parecia disposta a abrir-se mais, a viver mais, a ter uma vida sem sobressaltos, dispondo de momentos comuns com amigos. Admiti internamente a minha falha. A ausência paterna, em casos assim, seria considerada por qualquer um como injustificável. Inspirei e fiquei quieto. Quando findou a busca, entregando-me o material, dispunha de uma versão bruta dos textos compostos por vinte e uma páginas no total. Apesar de volumoso, dessa vez, o volume era menor. Isis não confienciava a nenhuma pessoa o conteúdo dos seus escritos, além de mim. Nem a irmã, nem o médico, ninguém. Pedi e ela sentou junto de mim. Olhei-a com carinho. Os olhos da mãe. A mesma boca. O mesmo jeito de chorar. – Está tudo aí. Folheei os escritos e detive-me em páginas rabiscadas, onde existiam desenhos de figuras semi-humanas. Ela observou e não disse nem uma palavra, embora represasse um milhão delas por trás da expressão frágil que existia no seu rosto. Uma das melhores ilustrações capturou minha atenção. Era uma mulher, uma guerreira, como as amazonas, com seios volumosos e corpo torneado que não combinavam com a face angelical desenhada com lápis. Seria seu alter ego? Até ali, nem de longe desconfiava sobre quem ou o que se tratava o ser feminino e tampouco os outros seres grotescos rabiscados entre as inúmeras páginas cheias de pequenos traços de mapas e registros de acontecimentos, os quais, segundo o seu médico, seriam perfeitamente referências à ausência da mãe e os fatos da sua infância. Que diria aquele homem se fosse possível levá-lo comigo ao Herbarium para assistir ao demônio brotar da barriga de Pantifides, o Doge do Condado, enquanto este recebia sexo oral das suas escravas e gritava enlouquecido com as suas vísceras dilaceradas? Inusitado, para não dizer ridículo, pois nem eu e nem qualquer outra pessoa poderia crer na existência daquilo que somente pessoas especiais como minha filha podiam perceber. Sensitivos. Pessoas com capacidades extra-sensoriais. Não saberia como defini-los. Talvez, pontes, elos entre os mundos. Isso, infelizmente para mim, naqueles dias, ainda era absolutamente desconhecido. – Quando recomeçou? Ela enxugou o rosto com a manga da camisa. – Como antes, no mesmo período, durante a lua grande, do mesmo jeito.

Isis explicou que aproveitava quando eu e Semiramis estávamos fora, para escrever o dia inteiro. Disse que tinha produzido pelo menos o dobro de páginas, mas, como antes, destruía boa parte quando seu quadro piorava. Contou-me que passou por uma crise, dentro de um shopping, algumas noites

antes, quando distinguiu perfeitamente as suas visões moldando-se nas partes pouco iluminadas da via de acesso ao metrô. Relatou-me que portava a mochila e carregava dois sacos pequenos com sobras do lanche, após deixar as colegas. Disse-me que caminhava devagar, em direção ao terminal metroviário, quando, repentinamente, várias luzes apagaram, num trecho pouco movimentado, preenchido pelo som de uma flauta soprada por um rapaz em troca de moedas. Ela olhou em volta. Duas jovens subiam os degraus em sentido contrário, e pararam, junto com os cães que conduziam. Uma delas era cega, e foi a única que apontou a mão para mim. Um homem idoso olhava dela para o flautista e dele para o piscar intermitente da iluminação lateral. Os sons oriundos do shopping pareciam abafados, enquanto rumores de passadas soavam cada vez com mais vigor. Ela apertou o próprio corpo, sob o súbito enregelamento vindo do piso, agora menor e mais envelhecido do que antes. Houve um chiado forte. Alguns segundos depois ela os viu. O momento foi tão impactante que ainda hoje recorda do odor fétido que exalavam. As carrancas terríficas, causando horror. Os dedos repletos de nódoas, como raízes envelhecidas. As pernas, como as de um réptil, sustentando grotescos e robustos corpos recobertos de placas metálicas e aparatos feitos com ossos. Eram muitos, mais de dez. Alguns montados em desconhecidos cavalos cinzas, cobertos com mantos e sem arreios. Eles gritavam irreprimidos e movimentavam suas armas e escudos contra quem os atacasse. Entre as pessoas que os enfrentavam, Isis distinguiu uma combatente, que desenhou rapidamente enquanto a luta iniciava. A ilustração da guerreira, minuciosamente descrita com a habilidade do seu lápis. O lugar ficou cinzento e amargamente frio, e os cães das garotas não sentiam cheiro algum, como se as narinas estivessem entupidas. Outro chiado horrendo, e bichos alados apareceram. Chamavam-se alakyns, seres com cabeça de rinoceronte, patas de bode e asas. Os cães aninharam-se juntos com um ar infeliz, enquanto a cega tocava nervosamente na colega, que parecia em transe. Aquele era um frio estranho, excessivo para homens ou animais, mas ali estavam eles. Era por culpa deles que os cachorros silenciaram e tudo em

volta enregelou. Isis viu galhos de árvores escuras, altas e com folhas grandes de diversas cores. Abaixo delas, em vez do piso do acesso ao metrô, enxergou uma estrada palmilhada de paralelepípedos, e mais ao fundo distinguiu as figuras esqueléticas de pessoas que caminhavam com correntes nos tornozelos, cordas nos punhos e expressões atormentadas. Ela empalideceu ao ver o aspecto daquele monte de gente. Era como um exército de defuntos redivivos. Mortos suplicantes (tão vivos quanto qualquer um de nós), escravos torturados por monstros, que os arrastavam como coisas sem valor, como sacos de estreme. Caminhantes ressequidos que marchavam com os algozes, seguindo-os como se representassem algum tipo de esperança, que inexistia nas suas faces desmotivadas, tristes, imbecilizadas e totalmente arruinadas, com sulcos de lágrimas que percorriam os rostos sujos, mirrados, murchos e disformes. Isis viu, também, criaturas ainda mais assustadoras do que os monstros guias do tropel humano. O estrépito dos seus pés (ou melhor, das suas patas encurvadas, como ela redefiniu segundos após, durante o relato), era demasiadamente horroroso, grotescamente tumultuoso e ordinariamente vil. Eram demônios, afirmou olhando-me sem piscar. Eram como sapos gigantes, cujos membros tinham formatos de arcos, com pele rugosa, dentes feito tesouras e garras como as de caranguejos crescidos. Alguns inflavam e sopravam fogo e fumaça sobre as cabeças dos humanos, chamuscando os cabelos e provocando dor, confusão e tumulto entre os acorrentados. Outros, postados mais atrás, gargalhavam açodadamente, enquanto chutavam ou mordiam braços e pernas dos infelizes. Tudo isso sob os olhares irônicos dos monstros que vinham à frente. Mais atrás, Isis vislumbrou um ponto de luz que logo cresceu e assumiu um dos lados da grande visão, provocando estupores nos monstros e nos demônios. No meio da claridade surgiu uma mulher alta, de espetacular beleza humana, adornada com uma armadura branca e dourada, seguida por numerosos soldados de ambos os sexos, vestidos com armaduras semelhantes, com escudos, lanças, armas e estandartes, onde Isis viu símbolos e palavras desconhecidas. Ao percebê-la, os humanos errantes vibraram e os monstros recuaram para os lados, arregimentando as armas, com os mortos próximos e os alakyns voando em volta, copiados pelos demônios, que esticaram os braços ameaçadoramente na direção dela e da sua tropa. Mais à frente, a amazona brandiu sua lança e sacou flechas,

enquanto outras e outros como ela surgiram em volta das bestas, derrubando inúmeros adversários dos seus cavalos, sob o consentimento da líder do exército. Tremendamente assustada, Isis olhou em torno de si e não viu mais o velho, nem o flautista ou as jovens. Sentiu-se tonta e ajoelhou-se, cobrindo a cabeça com as mãos, sob o horror, no exato instante em que a linha fria da lança da guerreira cruzou o ar, enquanto as bestas empunhavam espadas e armas elétricas, completamente ineficazes aos potentes golpes da amazona e dos soldados da mulher da armadura branca e dourada. Depois do susto, Isis perdeu as forças, que, segundo afirmou, pareceram drenadas por um dos objetos que os monstros portavam. Após um tempo, finalmente, despertou. O primeiro rosto que viu foi o do flautista. Depois o idoso surgiu, e com ele um par de seguranças do shopping. Após isso, a escuridão. Antes, contudo, do desmaio, cruzou o olhar com o rosto da cega, com a quase certeza de que ela também viu e sentiu tudo em volta. - Estavam todos lá, pai. Somente a cega acreditou. Estavam todos na saída do shopping, no acesso ao terminal. Sim, estavam – afirmou. Refleti um instante, dosei as palavras, e disse: – Peço desculpas, não percebi que tinha voltado a ter as visões... Ela tranquilizou-me: – Aprendi a disfarçar as reações. O senhor não conseguiria notar. Ignorei a observação, ciente da minha falha. - Não sei – disse. Ela balançou a cabeça e falou: – Como você descobriu? – Por acaso. Precisava confirmar alguns pontos do planejamento da nossa viagem para a casa do professor, então vim procurar a planilha no seu computador. Encontrei debaixo da mesa a caixa vazia do medicamento. Fiz uma busca e achei os envelopes atrás da cabeceira da sua cama. Isis tentou dizer que sim com a cabeça. Depois, explicou: – Comprei os remédios duplicando a receita anterior no scanner. – Imaginei isso. Folheei as páginas. – Diz aqui que havia um labirinto?

Ela beliscou a ponta da orelha. – Sim – respondeu. – Como é isso? – Um espaço gigantesco dentro da floresta. Um lugar vivo onde vivem pessoas perseguidas pelos monstros. Encarei-a com genuína surpresa. Depois, cocei o queixo, pensativo. Isis giganteou os olhos. Dar-lhe atenção sempre dava mais resultados do que as medicações. Havia um mundo paralelo a este, o qual ela temia, acuando-se sempre que as tenazes imagens lhe atormentavam. Isso a transformou numa garota retraída, com poucos amigos, extremamente circunspecta. Semiramis não compreendia a situação da irmã, não dava crédito, brigava com ela, e alegava que Isis recebia muitas vezes mais atenção do que merecia. – E o resto? – Os combatentes? – Não – mirei a figura da amazona. – Esses você já falou que são pessoas, refiro-me aos seres robustos... – Os monstros. Ela suspirou. Notei que avançava muito veloz. Pus as páginas de lado e peguei em suas mãos. – Quer guardar ou posso levar comigo? – Leia depois. – Entendo. – Escrevi mais coisas sobre os monstros. São eles que selecionam quem retornará para cá. Eles se alimentam com nossas energias, nossas forças, nossos sonhos, nossos pensamentos, nossos sentimentos. Ela parou, esfregando a nuca. Fiquei calado, com o olhar nela. Em seguida, fitou-me com profundidade. – Acredita em mim? - Você sabe que sim. Olhei-a dedicadamente, e em seguida desviei o olhar para o armário. O que mais dizer a alguém que vislumbra um mundo preenchido por seres enormes, que são tutores e lutam

com humanos numa outra dimensão? Remédio algum serviria mais do que palavras motivadoras. Isis não esperou por qualquer outra observação minha: – Estive lá, pai. Mais de uma vez. Eu sinto isso. E tudo está a caminho. Virão pelas muralhas de gelo e pedra. Essa parte era nova para mim. Voltei-me no ato e perguntei: – Tudo o quê? Que muralhas? Ela suspirou. Pensou um instante e respondeu como se fizesse uma predição: – O conflito, e também a grande revelação, quando todos saberão que inexistente vida; essa ilusão que nos envolve, nos anima, nos conforta, nos trai e nos amordaça. Que inexistente diferença entre o que existe aqui e o que há lá. Que, quem esteve, está e sempre estará junto conosco, defendendo-nos constantemente, é ela. Isis girou e esfregou vigorosamente os lábios. Caminhei e firmei meu olhar no dela, antes de perguntar; mas ela se antecipou e disse, com a cabeça baixa e em tom afirmativo: – Ela, a mulher da armadura e do exército, que os monstros e os demônios tanto temem.

ANTES QUE DEIXASSE O QUARTO, FUI NOVAMENTE SURPREENDIDO. ISIS ERGUEU O colchão da cama, pegou algumas folhas e colocou em cima da mesa do computador. Não era um relato extenso, estava escrito em três folhas, embora tenha depositado outras seis em branco no móvel.

- Estão em branco, mas estavam preenchidas até ontem – ela disse. Não compreendi. - Ficaram limpas, sem nada do que escrevi. - Lembra-se do que escreveu? - Pouco... A frase inicial capturou minha atenção. Li em voz alta: - ‘Os mortos serão caçados, pois não são senhores dos vivos, e precisam retornar’...

- Acho melhor você ler após a outra parte. - O que tem de diferente? Ela apontou um parágrafo e eu li alto, sentindo o impacto do texto que parecia ter sido escrito por mais de uma pessoa. Existiam intervenções desconexas e frases menores como se o autor tivesse pressa para dar o recado: ‘...o casal circulava pela avenida apressadamente, com as vidas por um fio. Vultos apareceram e o rapaz desviou para a ruela, arrastando a garota. Os paralelepípedos ecoavam o baque dos saltos, mas não foram suficientes para impedir o grito de terror pelo sobressalto... sem saída, estavam cercados. Mortos-nunca-mortos desceram do alto do muro que colocava fim ao beco... ela ficou possuída e germes saltaram pela boca... os dois estavam como vampiros... toda tentativa de fuga foi bloqueada... de amarela a cor mudou para vermelha, com o sangue que... finalmente ela surgiu. O autointitulado rei dos mortos fez a reverência, mas para sacanear o que... vim buscá-los, e estendeu a foice com o relâmpago...mas funcionou parcialmente, e logo foi aprisionada por aqueles que sempre arrebatou’ Ergui devagar o olhar. Isis fervia de ansiedade e revelou antes que perguntasse: - A parceira da morte... o império com o círculo dos mortos na Terra... o inferno está chegando... e o rei dos mortos encontrará sua rainha na fronteira com o mundo dos vivos.

CAPÍTULO 3

O NOME DELE ERA LÚCIO. CONTOU-ME SER UM MESTRE E DAI DEDUZI QUE FOSSE professor ou catedrático nas universidades da capital. Seu sítio localizava-se depois das montanhas. Era cercado por colinas agrestes, recheado de trilhas, campinas bonitas recobertas por um mato verdejante com hastes que elevavam flores silvestres de diferentes cores e tamanhos. Tristemente incrível saber como aquele lugar era o avesso do Herbarium, onde brotavam os gigantescos demônios, de dia ou de noite, plenos de perversidade, indomáveis máquinas de tortura, destruição e terror, que dividiam a arte de castigar humanos com os corvos de quatro metros sempre em busca de herbanários para martirizar e escarnecer, sob

os olhares nefastos de Gusmans sorridentes com suas amarguras ao vê-los implorar pelo fim dos martírios, enquanto os infelizes miravam as luminosas paredes impenetráveis, que tornavam invioláveis as fronteiras com o rio de Redblok, as vilas do Condado do Doge e as bases das montanhas do Saeculorum. A casa ficava próxima do lago, onde o rio se espargia até as montanhas, que separavam aquele lugar do mar. Talvez porque não passasse com frequência por aquele lado, não me lembrava da existência do imóvel. Mesmo assim, o lago me trazia lembranças espetaculares da minha adolescência, pois foi nas suas margens que conheci Miriam. Havia um ancoradouro antigo, feito de madeira e de pedras trazidas das colinas pedregosas situadas nas margens do lado direito do rio, no qual estava atracado um barco de médio porte, com a vela içada. A embarcação. Da mesma madeira usada nos barcos dos Gusmans de Redblok. Com o mesmo tipo de vela, o mesmo formato de timão, a mesma capacidade de trazer esperança a quem nem pode mais sonhar com algo assim. Encostei nosso Chevrolet junto ao carro dele. Olhei em volta. Depois, troquei olhares com Isis e Semiramis e sorri para quebrar o silêncio. Em seguida, saltamos e caminhamos devagar até a entrada da residência, ultrapassando estátuas de pedra com o formato de leões e outros bichos. Era uma casa de aspecto extremamente convidativo e maravilhosamente bem cuidada. Havia ramagens estendidas na parede da frente, espalhadas até o telhado, que produziam um interessante visual, definitivamente atraente, e que escondiam o botão da campainha, no formato de um olho, que se encontrava dentro de uma pirâmide de prata envelhecida. Tudo estava rigorosamente impecável. Não havia plantas para aparar ou capim para arrancar. As árvores não necessitavam de poda. As flores e os gramados estavam magnificamente bem tratados e regados. Sem ranger, a porta da entrada abriu e revelou o interior luxuosamente decorado, cheio de mobílias rústicas, tapetes, gravuras e pinturas expostas nas paredes do fundo do salão. Enfim, vimos novamente o professor. Parecia mais alto do que da primeira vez, embora estivesse com um ar cansado e surpreendentemente triste. Apresentei-lhe minhas filhas, que logo ficaram encantadas com sua educação. Lúcio, além de alto, era elegante, com ar intelectual e bastante charmoso. Seu jeito hipnotizava todos. Devia ter mais de sessenta anos, mas aparentava uns quarenta e poucos. No rosto inexistiam profundas marcas da

vida. A face era clara como a neve, limpa como um céu sem nuvens e ativa como a de um general reformado. Usava um bigode ao estilo inglês e vestia-se discretamente. – Não convidei mais ninguém, além de vocês, para os serviços que combinamos. Vivo cansado e muito sozinho. Preciso da companhia de pessoas para fazer todas as tarefas do meu sítio. Fiquei pensativo por uns instantes. – Estamos aqui exatamente para isso – disse-lhe finalmente. Lúcio riu muito amistosamente, enquanto colocava a mão sobre o meu ombro. – Por favor – disse mexendo a cabeça. – Entrem. Precisamos acertar os valores, os detalhes e quais serão os trabalhos. Aguardo visitas, e necessito deixar a casa aos cuidados de vocês por um certo período. Dei um sorriso maleável e fiz um gesto para Semiramis e Isis se adiantarem. – Cuidaremos muito bem da sua propriedade – comuniquei confiante. Ele colocou as mãos na própria cintura e fez uma expressão concentrada, em seguida. – Quero exclusividade – disse ligeiro. – Exclusividade... – aturdi-me com a observação. – Total – confirmou. – Cobrirei todas as ofertas de trabalho que tiverem por, pelo menos, uns três meses. Podem morar aqui durante esse tempo. Fiquei com os olhos cimentados nos dele por alguns segundos, que pareceram horas. Depois, olhei em volta. Vi estatuetas de homens com cabeças de animais, espadas cruzadas presas nas paredes,

perto de cruzeiros templários; e, no chão, quadrados feitos de mármore. Havia, ainda, uma comprida escadaria, que levava aos aposentos reservados. Tudo organizado e muito limpo. Olhei pra Semíramis e Isis, e busquei apoio para tomar a decisão. Minhas filhas estavam aparentemente enfeitadas pela sua graça cativante. – Talvez possa ficar, mas minhas filhas dormirão em casa – argumentei. Ele riu com garbo. – Nem pense nisso. Estranhei a observação. Ele gracejou, sem ser deseducado e continuou: – Já sei sobre os dotes culinários das duas. Pago dobrado para experimentar seus bolos e quindins – disse. Resolvi colaborar ante o sorriso gentil que vi em sua face.

– Está bem. Como se diz por aí: mãos à obra. Será uma boa experiência trabalharmos aqui. O professor colocou as mãos nos bolsos. – Esplêndido – afirmou, levando-me pelo braço para outro ambiente. No caminho, parei diante da porta entreaberta da biblioteca, de onde vinha o odor de incenso. Ele notou meu interesse e disse: - Qualquer hora lhe mostrarei. Concordei. Ele continuou: - Existem homens que conquistam o mundo com a plenitude da força e exércitos, enquanto há os que arrebatam nações com as letras. Você parece figurar no segundo grupo. Se for assim, escolhi muito bem quem vai governar minha residência. - Não sei se o termo é governar – retuquei. - No sentido de criar uma figura de linguagem para algo relacionado a governanta. Ele riu polidamente e brincou: - Óbvio que não o quero de saias, João. Vi alguns livros sobre um escaninho. Dois deles entreabertos. Ele ergueu as sobrancelhas, pegou um dos livros e explicou: - Esse é um bem conservado exemplar de Terra, Céu e Mar, do físico Auguste Piccard. Ele... - Sei quem foi Piccard. – retuquei, interrompendo-o. – O professor suíço que foi à estratosfera em 1931, numa bola de alumínio e aço içada por um balão, e declarou na revista People Science que o mundo era como um prato com as bordas voltadas para cima. - Muito bem. Você tem mesmo muito conhecimento. Esplêndido. Interessante... - Sei um pouco sobre ele e o irmão gêmeo dele. Pena que as escolas nem os citem... Ele sorriu e disse: - Exato. Ninguém sabe nada sobre nada até que outro o divulgue, o condicione e o convença, tornando uma opinião ou tese em verdade, meu amigo. Pegou-me pelo braço e deu a volta. Olhei em volta e percebi quadros aparatados em volta. - Batalhas do passado, meu caro – disse, como se as figuras lendárias ali retratadas tivessem relação consigo. - Desde que o mundo é mundo existem guerras – observei. - Verdadeiro esse provérbio. Sabe quem é o autor? - Nem imagino.

- Nem eu, meu caro homem dos bordões – riu. Ele esticou o braço. - Vê aquele com a mulher junto do cavalo? Está entre os meus favoritos. Note os traços. Perceba o que o artista entregou para nosso deleite em cada pincelada. A mulher, com rosto de camponesa e corpo de guerreira apontava para um ser demoníaco que comia as patas do cavalo, enquanto estuprava outra donzela. - Dante Alighieri teria imaginado tal cena. Sim, teria – disse e voltou a caminhar.

CAPÍTULO 4

ENQUANTO LÚCIO PREPARAVA O CONTRATO, RETORNAMOS À CIDADE. FIZEMOS AS compras que ele solicitou, pegamos nossas roupas e coisas em casa, em quantidade suficiente e retornamos ao carro, levando meus instrumentos de trabalho. Antes de pegar a estrada, enviei mensagens pelo celular para desmarcar os compromissos com os clientes agendados. Isis e Semíramis ainda pareciam em transe. Falavam pouco, agiam automaticamente e mostravam-se interessadas em conhecer a propriedade do professor, para onde regressamos cerca de três horas depois.

No caminho, após ultrapassar o limite do distrito rodoviário, entrei na via vicinal sem tomar o necessário cuidado e, por muito pouco, não colidi com uma camionete de entregas, cujo motorista foi hábil e ligeiro. – Pois é – disse-me Semiramis, ironicamente. – Agora diga que mulher não dirige bem. – Coisas que acontecem. Estava preso em pensamentos. – Contrate um advogado e se liberte. Melhor dirigir e depois pensar – disse Isis. – Na boa, pai. Você vacilou – afirmou Semiramis. Ela sorriu. Eu também. Isis, entretanto, esbugalhou o olhar. – Está catatônica novamente – disse a irmã. – Melhor internar essa doida. Ela ergueu o braço e apontou. – Olhem. Havia um bosque com árvores baixas à direita, para onde ela apontava. – Já basta, Isis – ralhou Semiramis. – Quando vai parar com essa cretinice? – Isis – disse-lhe. – Não há nada ali. Ela desceu do carro sem avisos. Fui atrás. – Ei – gritou a irmã. – Estamos atrasados. Isis correu até a orla do bosque. Parei junto dela e olhei para baixo. Vi buracos. – Cobras – eu disse. – Não – rebateu. Olhei para seu rosto. Jamais esquecerei aquele olhar, ligeiramente rasgados e de uma viva cor, pareciam concentrar toda a energia do Cosmo. Mais do que observar, transpassavam. Cílios longos e espessos proporcionavam-lhe especial atrativo. A fronte, espaçosa, terminava em sobrancelhas retas e bem separadas. Sua face, plácida e francamente iluminada pelo sol, infundia um estranho respeito. Ergueu os braços, colocou suas mãos longas e aveludadas sobre meus ombros e murmurou, ao mesmo tempo que piscava um olho. Um inesperado calor inundou-me da cabeça aos pés. Quis responder ao seu gesto, mas não pude. Estava confuso e aturdido. Estava emocionado, tanto quanto ela. – Não são buracos de cobra – disse. Aquelas palavras, pronunciadas devagar, acabaram por me desarmar. Havia tal segurança em sua voz que necessitei de tempo para reagir.

- Vamos para o carro. Aqui não há nada – sugeri. – Olhe bem. Não são buracos de cobras. São as pontas de pegadas. Agachei-me. Sabia que aquela era uma zona conhecida pela presença de animais peçonhentos, em razão das colinas pedregosas próximas, o que justificaria a existência de tocas de serpentes. Permaneci imóvel, quase petrificado, tentando coordenar meus pensamentos. “Não pode ser” – repeti para mim mesmo mais de uma vez. “É impossível que tudo esteja de volta, as visões”. Por mais voltas mentais que eu desse, chegava sempre à mesma encruzilhada. Nunca, nem sequer agora, quando registro estas recordações, estive seguro, mas só um ser com um poder especial poderia ter agido daquela maneira diante do horror que apenas ela via, até então. Ao menos em nossa família. Para que mentirei? O resto do dia com todas as atividades pareciam ser muito pouco. Sua expressão era como um relâmpago que rasga os céus do Oriente ao Ocidente. – Não se aproxime. – Não há nada aqui – insisti, inseguro. – Acha que estou delirando? Silenciei e olhei na direção das árvores. Por incrível que fosse, de fato, os galhos se movimentavam, embora inexistentem brisas. Ergui-me e tornei a vasculhar a terra. Havia muitos sulcos e buracos redondos. Por mais estranho, era como se fossem pegadas. Meu coração acelerou quando olhei para uma nogueira. Vinha de fora um rumor crescente de vozes, gritos, choros e rosnados. Sem saber por quê, senti medo. Retrocedi alguns passos. As palmas das mãos começavam a transpirar. Pressionei dissimuladamente meu ouvido e, em voz baixa, pedi para sairmos dali. – Essa batalha ainda não é a nossa – ela disse. Mirei-a sem compreender. – A guerra está para começar – ela falou, seus olhos estavam esbranquiçados como leite. Olhei para as árvores. Isis prosseguiu: – Os mortos-nunca-mortos terão que lutar, mas não como da última vez. – Isis... Ela virou-se, parecia mais alta, com estranhas rugas vermelhas na face. – O círculo dos mortos – sussurrou.

Ela estava em transe total e falava como uma necromante: – Os mortos-nunca-mortos estão aqui. Eles e os demônios, os lobos com olhos de sangue, os corvos gigantes e os vampiros que penetram nas

vísceras para sugar vidas... estão todos em volta. Não conseguem esperar. Não podem. Suas entranhas estão expostas e ressequidas. O asco é grande e todos sentem o odor. Os mortos-nunca-mortos não querem retornar para lá. Fogem desesperados, exaustos e desassossegados. Pedem ajuda. Suplicam perdão. Imploram pela vida novamente. Ela fez uma pausa e apontou para os lados, dizendo: - A noite é repulsiva e traz o cheiro dos homens e mulheres do lugar amaldiçoado. Alguns corvos deram voltas e pousaram no capim. - O pior de tudo isso é que existem entre os mortos-nunca-mortos aqueles que anseiam em instalar neste plano o império do horror. Ela olhou-me com olhos vazios e disse: - O círculo dos mortos, a ditadura sobre os vivos deste mundo. Um sopro de vento por entre os pinheiros trouxe o odor que ela se referia, juntamente com cheiros mais fracos, certamente de animais pequenos, talvez raposas e coelhos. Aqueles eram odores humanos também; o fedor de velhas peles apodrecidas e azedas. Sangue podre. Fumaça. Então, vi na parte mais escura do bosque coisas que não acreditaria se me contassem. Pensei que eram lobos. Mas não eram eles. Aqueles seres não tinham pelo e nem pele, e fediam como se tivessem o couro curtido. Corriam de um lado para outro e rosnavam, respirando com força, resfolegando por meio das longas mandíbulas. Havia humanos em luta com eles; ávidos, que perambulavam pelas árvores, famintos, amedrontados, em fuga da carnificina que se abateria sobre eles, no lugar de onde vinham. Alguns gritavam que queriam voltar para o lar, outros em entregar-se, mas a maioria estava sem noção de para onde ir ou do que fazer. Eles pareciam fugitivos do inferno. Eu congelei tomado pelo pavor. Necessitava tirar Isis dali, correr de volta ao carro e fugir com sua irmã para longe, talvez parasse somente no outro lado do continente. Um homem sozinho sempre foi algo frágil; já homens que precisam defender a família, encontram coragem e se tornam perigosos. Esse sentimento me inflou e peguei Isis pelo braço. - Eles estão em guerra – ela falou energicamente.

Isis olhou para o céu, onde dezenas de pássaros faziam rasantes nervosos, como se dragões estivessem à caça de cada um deles. - Os monstros alados chegaram. São os porta-vozes dos donos dos mortos-nunca-mortos. Repentinamente, ela desconectou-se e retornou. Olhou em volta como se não soubesse onde estava, respirando compassadamente e disse: - Vamos embora. Ainda não é o momento – disse cambaleante, enchendo-me de receios. Isis esfregou a mão no meu ombro, girou o corpo e voltou depressa para o carro. Não disse nem mais uma palavra e acomodou-se no banco traseiro. Fizemos em silêncio a parte restante do trajeto e, mesmo já no imóvel, conversamos pouco e não tratamos mais daquele assunto. Somente um instante teci um breve comentário, que foi rebatido por ela instantaneamente. Prefери deixar assim, e fui cumprir as minhas obrigações.

ENTERREI ESSE ASSUNTO COM A CONCORDÂNCIA SILENCIOSA DE ISIS E CUIDEI PARA transmitir às minhas filhas o mínimo de equilíbrio e sensatez que se espera de um pai em situações assim. Havia muito a fazer. Cada assunto teria sua ocasião, e certamente, mais tarde, eu e Isis tornaríamos a conversar. Após assinarmos o contrato, Lúcio nos convidou para segui-lo porta afora. Dominados pela beleza e pela excelente conservação do lugar, ficamos extasiados quando visitamos o pomar, onde havia lindas parreiras e oliveiras cheias de frutos espalhadas entre alguns frondosos pés de figo, romã e framboesa. Caminhamos pela margem do lago e visitamos o cais. Achei incrível a ornamentação do barco. Senti-me atraído magneticamente por ele. Tinha uma cabine onde ficava o timão e dois bancos laterais, com um inusitado cofre de ferro preso no mastro da vela, que lembrava uma daquelas casinhas de pombos antigas. O professor me fitou com olhos alquebrados, sorriu e deu por encerrada a visita, ao notar a minha excessiva curiosidade pelo barco. Passamos o resto do dia conhecendo a casa. Lúcio

nos mostrou todos os ambientes, inclusive o quarto onde dormia e o gabinete conjugado ao aposento por uma passagem escondida atrás de uma enorme gravura dele num cavalo. Lúcio suspirou. – Quero os meus aposentos sempre rigorosamente limpos – disse, com a ponta do dedo sobrevoando um móvel. Ele pensou um instante, depois perguntou: – Até onde estudou? – Lecionei muitos anos. Trabalhei aqui e ali, até decidir labutar como autônomo. Gosto do que faço e ganho o suficiente, embora não negue o desejo de voltar a ser professor. – Nada é impossível, meu caro. Sorriu com benevolência. Isis e Semiramis, que vinham atrás, tocaram-me nos braços, e apontaram para os muitos tipos de cruzeiros penduradas nas paredes do gabinete. – Bem – falei, enquanto virava para o lado oposto.

– Que tal descermos à copa? Lúcio ignorou a pergunta: – Posso fazer outra pergunta? Concordei com um aceno. – Você tem algum inimigo? – Não que saiba – respondi rapidamente, crendo tratar-se de um questionário. Ele aproximou-se da maior cruz e passou a ponta dos dedos. – Imagine que você tem um poderoso amigo que se tornaria seu inimigo mortal. O que faria? Fugiria? Atacaria antes de ser destruído? – Não sei – disse. O professor caminhou até a mesa de trabalho. Sentou-se. – Isso não é resposta – murmurou. – Acho que o enfrentaria. Ele firmou os cotovelos na mesa. Avançou o corpo para frente, antes de continuar. – Enfrentaria? Mesmo ciente das armas dele? Hesitei alguns segundos. – Você dividiu sua pergunta em várias – brinquei. Ele sorriu. – Responda – pediu.

– Enfrentaria, talvez por minha família – balbuciei, lembrando-me dos seres do bosque. Lúcio ajeitou o relógio. – Fascinante, João – disse com o corpo jogado para trás. Suspirei e olhei para Isis, que agora estava pálida. Procurei Semiramis, mas somente vi sua sombra deslocar-se para a porta de saída. – Contudo, enfrentaria sabendo que ele conhecia o desfecho da luta? Ri diante do seu questionamento, sem pretender parecer deseducado. – Impossível. Enfrentar alguém assim seria, a não ser que se tenha outro plano em mente, ou que o resultado lhe fosse favorável. Como poder lutar com alguém que já conhece o resultado da batalha? Lúcio esfregou as mãos diante do rosto e as soprou. Levantou-se muito delicadamente. – Não seria participar de um jogo de cartas marcadas? – Isso mesmo – concordou. – Talvez um plano de ação reserva... Ele fechou o semblante. Permaneceu pensativo por segundos compridos. Em seguida, olhou-me concentrado e disse: – Jogo de cartas marcadas. Logicamente, não seria bom para o perdedor. – Quem perderia? – Alguém perderia. Talvez você nessa hipótese, João. – Nem entraria na luta, então – retruquei. Lúcio sacudiu a cabeça, pensativo. Ficou serenamente quieto observando-me. Não seria eu o perdedor. Hoje compreendo que ele se referia à espécie humana destinada a sofrer no Herbarium como mortos-nunca-mortos, ter suas lembranças e energias terrenas ceifadas, absorvidas e convertidas para manter Redblok, para depois retornar para Humus. Para nova vida de gado. A maior mentira, o maior embuste de todos os tempos. Como seria difícil acreditar. Nem eu daria crédito. Agiria como o estúpido policial que me algemou na sala de investigação. Quem acreditaria na existência do Doge do Condado? Ou nos guerreiros Gusmans de Redblok e seus navios de velas quadradas, carregados de canhões? Ou em demônios, cujo divertimento era açoiar os corpos dos infelizes pela eternidade? Que nos restaria somente padecer no Herbarium, rogando para um Gusmans se apiedar durante a seleção, e nos

levar acorrentados para o barco, com os corpos desfigurados, através do rio, para Redblok? Como convencer sobre a existência do Saeculum e da Senhora da Montanha? Não saberia como. Bem apropriadas palavras que um dia escutei dela: – Não é você que reconhece o Saeculum; é o Saeculum que reconhece você. A verdade que parecia invenção. Uma causa fictícia de acontecimentos que aparentemente só estariam subordinados às leis das probabilidades. Nada além disso. Lúcio elevou as sobrancelhas, coçou o lado direito da face e caminhou. – Rejubilo-me com sua lucidez. Você fez duas excelentes observações sobre como enfrentar um inimigo desse tipo – respondeu. Moveu os braços e parou repentinamente quando perguntei: – Quais? – Lutar com um plano secundário ou simplesmente desistir da luta – disse. Ele não aguardou que retrucasse: – A ordem às vezes se quebra pela vontade de um. Fiquei em silêncio para deglutir suas palavras. Ele continuou: – Sei de um conto medieval interessante, muitas vezes narrado à beira de fogueiras por camponeses, após um árduo dia de labor. Nele, certo dia, enquanto todas as pessoas de uma vila fugiam, um cavaleiro veio a galope pela floresta, em um magro cavalo branco, gritando que todos deviam ir para o castelo, onde o rei os protegeria. Muitos toparam segui-lo, a maioria não. Ele insistiu, exortando o grupo resistente. No entanto, o obstinado guerreiro não teve sucesso. Por que pessoas não foram com ele para a segurança do castelo? Por que preferiram ficar onde estavam e lutar? Por que, se a morte seria certa? A incerteza era a resposta. Poderiam morrer ali. Mas também no castelo a morte poderia alcançá-los, e com um agravante: que garantia tinham de que o rei abria os portões para entrarem, se o perigo rondava? Não respondi. Ele mesmo veio com a resposta: – A ordem às vezes se quebra pela vontade de um. Depois, girou, afastou-se rapidamente pela curva do corredor, e levou pela mão minha filha Semiramis, totalmente hipnotizada com sua galhardia. Isis apontou para o grande globo ocular do teto e segurou no meu braço, assustada.

– Será que devemos mesmo trabalhar nessa casa? Não respondi, ainda enfeitiçado com as palavras do professor. Ela continuou: – O que faremos? Fiquei quieto, afogado nos pensamentos. Ela insistiu: - O que faremos? Mordi meus lábios sem saber o que dizer. No fundo maldizia ter assinado o contrato e estar com minhas filhas na bela casa do lago, que agora parecia muito mais com a terrível mansão dos mistérios.

CAPÍTULO 5

MANDEI AS GAROTAS PREPARAREM O JANTAR. DEPOIS, FOMOS ATÉ OS QUARTOS, NA ala reservada aos empregados. Um frente ao outro, porque das janelas, daria para controlar tanto o acesso de quem chegasse pela estrada, quanto o cais e o próprio lago, com visão até as montanhas. Pouco antes de dormir, Isis e Semiramis vieram até o meu quarto atendendo meu chamado. Precisávamos discutir se ficaríamos ou não.

– Não dá para ficar aqui – disse Isis. – Exagero – retrucou Semiramis. – O trabalho será fácil e ganharemos muito mais do que o programado para os próximos meses. – Papai tem uma agenda de serviços cheia. Semiramis olhou para mim: – Você não desfez sua agenda? Confirmei com um aceno. Depois foi a vez de Isis perguntar: – Recebeu algum adiantamento? – Infelizmente, sim. – Devolva – disse. Semiramis bateu palmas. – Ei, discutiremos a noite inteira? Vamos dormir. Amanhã decidiremos – disse. Isis olhou para mim e caminhou até a porta. Sorri-lhe e acenei. Suspirou, como se fosse tragar todo o oxigênio do planeta, e seguiu para o quarto. Desabei no leito com o peso das horas e as armadilhas do cansaço. Dormiria horas seguidas se possível fosse. Tomei um gole da jarra. Estava com calor, apesar do ar gélido. Apalpei-me e, para minha surpresa, parte de minhas roupas estava molhada. Olhei para o lado; achei o interruptor e acendi a luz e tomei um susto enorme em seguida: meu reflexo no espelho estava aterrador. Água e excrementos vazavam de mim; eu estava cheio de buracos redondos, escuros e macilentos, e quase enlouqueci com o que vi em seguida. Serpentes de várias espécies e tamanhos deslizavam para fora do meu corpo, pelos buracos. A luz apagou, quando me tateava tresloucadamente. Entrei em pânico, tornei a usar o interruptor e olhei novamente para mim. Os buracos sumiram com os excrementos e as cobras; não estava mais molhado e nem esburacado. Aliás, parecia mais limpo e asseado. No entanto, eu não estava sozinho. Virei-me por instinto. Um vulto deslizava sinuosamente por trás da cortina. A luz tornou a apagar e a escuridão trouxe sons estranhos. Ruídos sensuais, vozes assemelhadas às de Isis e Semiramis e grunhidos. Ergui-me, coleí a orelha na parede e o rumor aumentou. Era como se eu estivesse num motel de estrada, cujas paredes finas não sufocavam o barulho da orgia no aposento vizinho. Mas, questionei-me, quem copularia naquele espaço da casa? Ali era o lugar da criadagem. O professor? Não, impossível. Meu pensamento foi assombrado pela

hipótese mais absurda. Estaria o proprietário no quarto ao lado? Estaria com minhas filhas? O maldito seduzia e estuprava as duas? Girei para caminhar até a porta para descobrir, no entanto, fui impedido pela luz, que retornou e iluminou o quarto e a minha turvada mente. Elas estavam no quarto diante do meu, não no quarto ao lado, essa era a verdade. E o professor, certamente, estava nos seus aposentos, no outro lado do extenso imóvel. Sentei-me, fechei e abri os olhos várias vezes, enquanto os sons se dissipavam. O silêncio voltou a imperar, mas logo se estilhaçou como vidro velho com novos sussurros e risos sufocados. Vozes de mulheres que imploravam todas as formas de sexo, sob os sons de corpos agitando-se. Fui outra vez à parede. Murmúrios. A tinta que a recobria borbulhava, como se estivesse infernalmente aquecida. Mais ainda: se esticava e formava braços, mãos e cabeças com aparências humanas. Afastei-me horrorizado, como se estivesse na casa do inferno, na sombra da varanda da mansão de Lúcifer. Caminhei de costas até a janela, como se demônios me açoitassem com lanças chamejantes, com o olhar nos braços e cabeças sem olhos. Pensei nas minhas filhas e decidi ir até o outro quarto, sem mais fitar os espectros. Girei a chave sofredamente, ela e a maçaneta, várias vezes. Elas estavam rígidas, petrificadas. Então, xinguei e arremessei o ombro com ímpeto contra a madeira, que me rechaçou como se eu e ela fôssemos de borracha. Rolei até o meio do quarto e me ergui, repetindo o ato, sem sucesso. Dessa vez, rodei até chocar com a cama, enquanto uma voz gutural ecoava: - QUERO VOCÊS, VAGABUNDAS! Olhei em volta. Mirei a porta. Voltei-me para a parede. Os sussurros agora eram espasmos. Gritei: - ISIS! SEMIRAMIS! Escutei as suas vozes e seus prantos entre risos. Alguém gritava com elas: - MERETRIZES! RAMEIRAS! PROSTITUTAS! Não contaminem as frutas, o pão e as pessoas com suas mãos e bocas imundas e cheias do suco do pecado. Estão proibidas de espalhar o mal que habita em vocês. Seus ofícios malditos. Suas atividades

repulsivas, ignóbeis e intoleráveis. Amaldiçoados sejam, seres malignos. Ralé tempestuosa, danada e pútrida. Escória fétida da humanidade, que enlameia e insulta as pessoas honestas. Vocês acreditam que podem praticar a lascívia sem restrições, malditas. Não aqui!

Tentei erguer o corpo, mas senti-me colado no soalho. Descontrolei-me mais ainda quando a parede vizinha desapareceu junto com os braços, mãos e cabeças horripilantes, e revelou o que acontecia no quarto ao lado. Minhas pupilas dilataram como se tivesse utilizado quilos de cocaína; suei e fiz esforços hercúleos para liberar-me do grude invisível. Arrastei-me alguns metros. Isis estava empalidecida e gritava loucamente com um ser robusto que pendia na janela: - FORA! AFASTE-SE DE MIM! Uma potente gargalhada ecoou, enquanto eu perdia o controle das cordas vocais e dos meus músculos. Virei a cabeça rapidamente e girei o pescoço como uma coruja. Era eu que ria ruidosamente dela e apontava para a porta, que agora estava em chamas. Isis deu a volta e jogou-se na cama. Estava estranha. Eu também, voluptuosamente excitado ao vê-la acuada. Ela dobrou as pernas, olhou para a cortina fina e a janela. Parecia exausta. Eu não parava de rir, embora lutasse contra isso. Ela estava muito pouco interessada em mim, e logo me dei conta da razão: meu corpo existia somente até o tronco e a genitália. As pernas desapareceram, engolidas pelo piso, que se movimentava como um redemoinho. Ela inspirou profundamente, enquanto eu sentia o cheiro do mar. Duvidei e coloquei na conta das alucinações. O mar estava muito distante dali. No momento seguinte, houve um estrondo. A estranha figura não estava mais na janela. Havia alguém em seu lugar. Isis gritou, mas o berro seguinte foi mais potente. Um homem grande, enfim, apareceu. A barba era abundante e desgrenhada. Usava roupas esfarrapadas, cheias de bolsos, com pequenos objetos pendurados nas orelhas largas e trazia uma espada comprida embainhada, parecida com algumas que vi no Herbarium. Ele sacudiu a cabeça quando a fitou, e arremessou sobre sua cama um saco de couro aberto, de onde algo rolou para fora. - AÍ ESTÁ O VAGABUNDO CORROMPIDO – vociferou o enorme homem, enquanto abria a braguilha da roupa, e avançava para o interior do quarto. Isis desesperou-se. Era a minha cabeça decepada que estava nos seus pés, ainda com os olhos abertos. O resto do meu corpo decapitado, destroncado, ensanguentado e repleto de buracos surgiu em seguida, jogado pelo vão da janela pelo homem barbudo, agora desnudo diante dela, com um longo chicote na mão e a genitália à mostra. - POR QUE FUGIU, VADIA? PUTAS SÃO PUTAS EM TODO LUGAR. FOI ESPALHAR SEU DETESTÁVEL ODOR? FOI COMPARTILHAR SEU CORPO COM PATIFES DA SUA LAIA? SEU

LUGAR É NO BORDEL, CADELA. SEU DESTINO É SER USADA. AGORA SOMOS NÓS, PUTA MERETRIZ! Olhei para a janela. Vi águias gigantes lutarem com estranhos animais alados. Ouvi gritos. Tilintar potente de metais. Depois, enxerguei colunas de homens com armaduras e capacetes descendo a colina, com suas espadas, lanças e escudos envergados, sob os gritos de dor das suas vítimas na multidão de moribundos aglomerados em volta deles. Olhei bem. Fixei o olhar. Eu lutava com as pessoas, entre elas, com espada e lança, ao lado de soldados de outra Armada, e perto de mim estava a comandante. Congelei-me, olhei devagar para o alto e vi montanhas reluzentes, onde chamas consumiam as vilas em torno até a orla da enorme floresta que se estendia até perto de um extenso rio e de onde vinham tropas de demônios e monstros com patas e cabeças disformes, vestidos com carapuças de aço prateado. No momento seguinte, vislumbrei um cavaleiro solitário. Duvidei que fosse, mas era ele: o professor. Sorridente e satisfeito com o embate e suas consequências. Ele mirou para mim e sussurrou. As palavras vibraram nos meus tímpanos e depois ele gargalhou muito alto: - Ele não vencerá a morte – disse-me. Desviei o olhar e foquei a comandante. Ela sacudia o cabelo fora do elmo, enquanto rasgava as barrigas e pescoços dos adversários. Lutava com a fúria de um milhão de homens e ordenava aos mortos que se mantivessem em pé até o último instante. Na frente oposta, também isolado e montado num vistoso corcel, a silhueta do seu adversário parecia indecisa, com a cabeça voltada para o alto, onde cada uma das águias era derrotada pelos seres voadores. Fechei os olhos. Ao reabri-los, retornei ao quarto. Isis olhava para o fundo dos olhos do gigante, para a cabeça no chão e a seguir olhou para mim, preso no soalho e sorridente. O barbudo também era eu, assim como o decapitado, e era eu, também, aquela espécie de molusco risonho no qual meu corpo tinha se convertido. Então, tudo escureceu como se um pano negro cobrisse meus olhos, e ouvi outra voz,

feminina, substituta do silêncio que repentinamente imperou: - Vamos fazer outra vez, amor? Um foco de luz iluminou a face da autora da pergunta. Miriam, minha falecida esposa estava nua, com as pernas abertas. Sorriu como no dia da sua morte e envolveu-me com

seus braços quentes e lisos. Exalava um perfume desconhecido. Depois, enlaçou-me com as pernas e iniciou o sexo. Tomado pelo prazer, eu me entreguei e a possuí ardorosamente. Ela manipulou meu sexo com a boca, deixando deslizar por seus lábios grossos, enquanto envolvia meu ventre com suas pernas ardentes e suadas. Beije-i-lhe o pescoço, com os dedos na sua vagina, pondo-a de quatro, após enfiar minha língua nas suas orelhas. Quando o conforto do prazer assomava dentro de mim, algo estarrecedor aconteceu em seguida. Petrifiquei-me com a silhueta feminina que vi diante de mim, e busquei forças para gritar. Rugi em pensamento. Não era mais a minha mulher e gritei com a força das vísceras: - ISÍS! Se fosse possível, o Doge canastrão esbugalharia os olhos de tanto rir da minha tragédia, mesmo com o Condado em chamas. Até os demônios do Herbarium ririam junto com ele. Paralisado, vi a porta abrir com uma ventania. Semiramis olhava-nos, estática. Dei graças intimamente por ter chegado. Semiramis caminhou e retirou o cinto. Ela colocaria ordem na tragédia, pensei. Para minha surpresa, entretanto, ela beijou a boca da irmã voluptuosamente, e me permitiu ver Lúcio agarrado nas suas costas, com olhos vermelhos como sangue, puxando um demônio anão pela corrente. Senti-me na região mais profunda do inferno, no pior de todos os martírios. Ter o couro escalpelado por demônios ou receber nos orifícios do corpo os instrumentos do Z-MEM de Redblok, sob o suplício dos Gusmans, eram nada perto disso. Quando o resto do mundo iria estourar, sob os risos estridentes, eu acordei da loucura.

CAPÍTULO 6

AO AMANHECER, COM O PESADELO NA MENTE, FUI AO QUARTO DAS GAROTAS E descobri as malas vazias e as roupas dobradas e penduradas no armário. Ao lado, as Escrituras estavam abertas. Aproximei-me, folheei as páginas e notei anotações, frases curtas com a caligrafia de Isis. Palavras que ainda não faziam sentido para mim:

SEM TER COM QUEM GUERREAR COMO FICARÁ O ESTABELECIDO? De repente, senti-me exausto. Escancarei a janela e o ar matinal penetrou livremente. Inspirei profundamente. O barco riscava serenamente as águas do lago, levando o proprietário do imóvel e outras duas pessoas, outro homem e uma mulher. – Droga – ralhei, e fui para a cozinha, após lavar o rosto. Enquanto percorria a distância e abria portas, recordei os episódios da noite anterior, e novamente senti medo. Cheguei a dar crédito à possibilidade de estar louco, pouco antes de ultrapassar a grande copa, onde exalava o cheiro de ovos e bacon. Ao entrar, ouvi o som da voz de Shakira, vindo da despensa, misturado com o da voz de Isis, que surgiu linda, esguia e estranhamente agitada. Ela apareceu com pratos cheios de bolinhos e panquecas, usando uma roupa bem cortada, com uma faixa azul no cabelo. Estava contente, dez vezes mais do que o normal. – Sabe – disse ao topar comigo. – Eu amo Shakira. Ela olhou para Semiramis, que ajustava a roupa e esboçava um riso cordial. – O professor ainda não comeu? – Esse é o lanche. O café foi muito cedo – esclareceu. Fiquei em silêncio. Ela notou. – Você está bem? Disse sim com a cabeça. Notei um aumento anormal nos seus seios. Aliás, o seu corpo estava diferente. As pernas mais grossas, os cabelos mais brilhosos, a cintura mais fina, a boca mais atrevida. Estava espantosamente desejável. Sacudi a cabeça. Mas algo me invadiu, e me fez vê-la maliciosa, estimulada, sexy. Felizmente, consegui evitar o seguimento daquelas sensações: vê-la com olhos de homem. – Papai – disse Semiramis. – Sonhou com anjos? Titubeei. Percebi um tom sarcástico na sua voz, capaz de destrancar a represa que continha as terríveis lembranças da madrugada. – Está com jeito de quem não dormiu, parece que sonhou com diabinhos – disse Isis. – Ou diabinhas – completou Semiramis. Recuei com o súbito aparecimento de duas pessoas.

– Olá, sou Raul, o motorista particular – disse-me. Ele era barbudo, simpático e devia ter pouco mais de trinta anos. – Nas horas vagas cuido dos cavalos do mestre. Ele tem ciúmes dos animais e evita que outro cuide, especialmente do alazão. – Ainda não estive na estrebaria. – Vai gostar – disse, num ímpeto. Ele ergueu o dedo e explicou: – Dos cavalos, claro. Afinal, estrebaria é igual em todo lugar. Feno, arreios e animais... – Cavalos são cavalos também em todo lugar – retruquei. – Não como os do mestre. O mais barato custa o dinheiro de três vidas suas. – Se você afirma... – Logo você mesmo constatará. Olhei-o mais meticulosamente. – Sim, certamente – disse-lhe. A mulher que estava com Raul não me estendeu a mão, fuzilando-me com o olhar. Soube depois que se chamava Deborah e era a contadora do professor. – Bom dia – disse-lhe. Deborah iria falar algo, mas Semiramis a interrompeu: – Senhora, esse é o nosso pai, o encarregado pelo sítio, conforme conversamos. – Ah, sim – redarguiu Deborah, sem emoção. Sorri sem graça. Deborah se afastou e saiu pela porta lateral; Raul me puxou pelo braço e disse: – Não repare, Deborah não é má pessoa. – Ora, não me aborreci. Por que diz isso? – Pelos olhares que trocaram. – Bobagem. Ele sorriu. – Soube que tem o dedo verde – disse. – Ah... brincadeira. Somente me esforço para cumprir meu trabalho. – Isso é um dom que trouxe com você. – Bondade sua. Raul firmou o olhar em mim e ficou assim por um momento.

– Estava curioso para conhecê-lo – disse. Não compreendi o tom usado nessas palavras. Sai-me com elegância: – Bem, aqui estou. Ele olhou em volta. – Teve filhas bonitas nessa encarnação – disse. – Você é espírita? Ele riu discretamente: – Não... nunca fui. Foi força de expressão. Somente isso – respondeu. – Entendo. Ele sacudiu a cabeça canhestramente, se despediu e saiu pela porta, seguindo para o cais. Fiquei sozinho com as garotas, suspirei e caminhei até a portinhola. A estrebaria entrou totalmente no meu foco; agora podia sentir até o cheiro dos animais. – Dormiu demais – disse Isis. – Preciso comer rápido. Tenho que conversar com o professor. Isis ergueu a cabeça. Olhei dentro dos seus olhos: – Vamos embora – disse-lhe. – Ir embora? Por quê? Não quero mais – contestou, surpreendendo-me. – Mudou de opinião? – Refleti melhor. – Parece sua irmã falando. – Ela apenas

concordou comigo – disse Semiramis. Nesse momento, o professor entrou com seus dois convidados. A mulher era linda; conversava, ria e sacudia os abundantes cabelos negros, entretida com a lábia de Lúcio. Quando me viu, parou de falar. Seus olhos, mesmo em total silêncio, podiam escrever duas dúzias de livros entre cada piscada. Quando uma nevoa já assumia as feições do real, o dono da casa olhou em volta e bateu palmas. Lembrei o pesadelo, os olhos vermelhos dele, o ar pleno de excitação, cheiro de sexo, expresso numa face terrivelmente diabólica. Fez um silêncio teatral e disse: – São os meus convidados – apontou. – Muito prazer – falei num tom cordial. – O prazer é meu. Meu nome é Elias. Essa é Maria, uma amiga nossa.

– Olá – disse ela. Seus olhos sensualmente presos nos meus. Maria perscrutou meu espírito. Invadiu-me. Era como se pudesse apurar as minhas qualidades, os meus defeitos, a minha consciência, o meu caráter, a minha existência. Como se soubesse tudo sobre mim há milênios. Ela sorriu. Os três trocaram olhares cheios de segredos. - Meus amigos, apresento-lhes João Sanctis e suas filhas. Serão os responsáveis por nos manter sadios, vivos e bem alimentados pelos próximos meses. - Você tinha outras pessoas, não tinha? - Ora, Elias... estavam velhos demais. Além disso a comida era péssima. Eles riram. – Hora de comer – anunciou o professor, ladeado pelos dois. Lavaram as mãos e sentaram. Esvaziavam os pratos e passavam as tigelas, sem nos perder de vista, pareciam mais interessados em nós do que neles mesmos. Senti a barriga roncar fortemente com a visão dos múltiplos alimentos. Isis percebeu a minha aflição, fez um gesto e caminhou. Suas ancas jogavam os seus quadris sutilmente. Deu uma volta, fingindo-se distraída. Quando passei pela porta lateral, que tinha ficado aberta e voltada para o lago, visualizei o barco ancorado. Raul e Deborah conversavam perto dele. A mulher mantinha o mesmo jeito de durona. Naquela hora nem imaginava qual seria o tema da conversa daqueles dois. Daria um braço, àquela altura, para saber.

MAIS TARDE, UM POUCO MAIS RELAXADO, RECEBI O CONVITE PARA JANTAR COM O professor e seus convidados, no salão oposto à área da copa e cozinha. Lúcio, adiantando-se ligeiramente, conduziu-nos para a zona recolhida, separada da parte ‘oficial’ por cortinas de musselina semitransparente. A rapidez com que havíamos sido introduzidos nesse salão oval e a circunstância de eu haver permanecido todo o tempo nas partes norte, leste e oeste, de costas para o resto, haviam me impedido de observar detidamente o local. Minha missão, ali, compelia-me a conhecer o mais exatamente possível sua distribuição. Assim é que

aproveitei aqueles momentos para ‘fotografar’ mentalmente todos os detalhes que pude (simulando interesse especial por um busto alojado num amplo nicho existente no centro da parede, onde ficava também outro acesso à extensa biblioteca da casa do lago). Lúcio parou ao ver que eu ficara para trás. Inclinei-me ligeiramente sobre aquele pequeno busto de bronze, reconhecendo com surpresa se tratar de uma efígie idêntica à existente na biblioteca em homenagem ao romano Imperador Tibério, busto no qual não faltava na boca o seu característico ricto de amargura que permeou sua vida durante boa parte do seu reinado. - Bonito – disse. E Lúcio, com um sorriso irônico, perguntou: - Quem? Tibério César ou o busto? - A escultura, certamente. É um busto que lhe faz justiça... - Refere-se ao tom de azedume presente? - Sim. - Aprecio sua sinceridade, João – disse, aproximando-se de mim e dando-me uma palmadinha nas costas. E acrescentou: - Sabes? Eu gostaria de adivinhar o que a História dirá desse tirano. Estranhei a observação. - Dirá? Já disse, não? Maria sorriu, com os braços cruzados. Elias tratou de dar as explicações: - Lúcio costuma fazer comentários como se estivesse no passado. - Ele parecia falar no presente –retriquei rindo. Lúcio fitou-me e disse: - Seria algo do tipo precisamente ‘aqui jaz um déspota cruel e um tirano sanguinário’... Sim, era o epitáfio que os biógrafos de Tibério escreveram sobre seu túmulo no ano 37. Ainda que também seja certo (e nisso compartilho da opinião do grande historiador Wiedemeister) que, se Tibério houvesse nascido no ano 6 a.C., a História lhe teria dedicado frase bem diferente, algo como: ‘aqui jaz um grande estrategista’. Lúcio balançou a cabeça, com as mãos para trás, e disse: - O destino dos homens é o cemitério. Olhou incisivo para mim e perguntou:

- Não acha? Rebatí com um provérbio: - Viver é renascer a cada dia. Ele coçou a orelha e falou: - João e seus provérbios. Depois disse: - Eu, ao contrário, faria esculpir sua frase favorita: ‘depois de

mim, que o fogo faça desaparecer a terra'. Lúcio tinha razão. Como Sêneca e Dion registraram, esse era o bordão mais repetido por Tibério. - Que assim seja – concluiu. - Certamente. À direita e à esquerda do busto do César, cravados em diferentes pés de madeira, haviam sido colocados a insígnia da legião e o signo zodiacal de Tibério, respectivamente. A primeira: uma águia metálica (provavelmente em bronze dourado), com as asas estendidas e um feixe de raios entre as garras; o segundo, um escorpião, igualmente metálico e de intenso brilho dourado. Essas sagradas insígnias romanas estavam montadas cada qual em uma haste de mais de um metro de comprimento, ambas providas de ponteiros metálicos, para que pudessem ser cravadas na terra – ou, como no caso, em uma base de madeira, seguindo o rigor e o primor de luxo simples da casa do lago. Seguindo essa mesma parede, o salão apresentava uma porta mais sóbria e reduzida do que a do acesso pelo vestibulo. Por ali havia entrado Isis, vestida como serviçal, e por ali, supus, existia uma passagem para os cômodos privados dos visitantes. Estremeci ligeiramente ao ver Isis tão avantajada e voluptuosa na roupa apertada, embora a farda fosse discreta. Procurei Semiramis com o olhar e me preocupei. - Sua outra filha está na copa preparando as famosas tortas, João – explicou Lúcio. Tranquilei-me. Olhei em volta e notei Maria percorrendo meu corpo como se eu fosse o alimento da noite. Desviei dela e foquei em Elias, que parecia esconder um riso sagaz por trás do rosto pálido. O resto do salão achava-se praticamente vazio. No total, contando o pequeno refeitório que arrematava aquele aposento especial, o lugar media cerca de dezoito metros no

diâmetro maior por nove no diâmetro menor. O teto, de uns treze metros, totalmente abobadado, com traços romanos, pareceu-me uma prova a mais da ostentação e do esforço consciente colocado por Lúcio na reforma daquela mansão. Entretanto, a minha surpresa foi ainda maior quando, ao se abrirem as cortinas que dividiam os ambientes, uma cascata de luz nos inundou. Em lugar de uma grande janela, como a que existia no outro extremo do salão, o dono da casa abriu no teto uma claraboia retangular de mais de três metros de largura, fechada por uma lâmina de vidro. A lua entrava em caudais, proporcionando à acolhedora sala uma luminosidade combinada com a luz de belos archotes pendurados no formato triangular. No centro, estava disposta uma mesa circular, coberta com uma toalha de linho branco e adornada no centro com perfumadas flores de laranjeira, cidreira e limoeiro. Ao redor, havia estofados confortáveis para se sentar ou reclinar. Parte da parede à direita tinha uma pintura retratando uma extensa muralha de gelo enevoadas, cercada por desertos arenosos e caminantes como sombras à espreita da luz. A parede era forrada com madeira de cedro, e apresentava meia dezena de luzeiros; e na faixa que constituía o prolongamento da parede onde eu havia contemplado o busto de Tibério, descobri uma porta estreita, magistralmente disfarçada entre as veias de dois painéis de cedro. Exatamente por ali é que foram aparecendo Raul e Deborah. Digo aparecendo, pois se assemelhavam com vultos saídos de tumbas antigas. Os dois sussurraram discretamente algo para Lúcio, que acenou com educação e os dispensou. Sumiram como se jamais tivessem nascido ou feito parte da história do lugar. Aliás, cada vez mais me passavam a desagradável sensação de esconder segredos inenarráveis, especialmente Deborah, cuja antipatia por mim vinha acompanhada por um desconforto emocional, como se ela fosse capaz de influenciar psiquicamente quem quer que se pusesse no caminho. Bastava olhar para ela e pronto. A enxaqueca em volta dos meus olhos era certa e perdurava pelo tempo em que ela estivesse próxima de mim. Depois que os dois deixaram o salão, Lúcio sugeriu-me que descalçasse os pés. Ele e os convidados tinham feito o mesmo. Notei os pés de Maria: delicados e muito brancos. Ela sorriu feito adolescente, e desviei o olhar, voltando-me para o dono da casa. No início não compreendi, mas Lúcio apontou para as tábuas do piso e esclareceu o porquê da sugestão:

- Assim você terá a oportunidade de experimentar as excelências do meu sistema subterrâneo de calefação. Lembrei-me de ter visto esse equipamento, cujos tubos puxavam água do lago através de bombas potentes, por meio de um dínamo bastante silencioso. Ele também me falou a respeito, mas não dei importância, pois calefação era um sistema de aquecimento muito apropriado para recintos fechados bastante utilizado em países de clima temperado e frio. Algo há muito tempo utilizado, desde que os homens das cavernas incendiavam madeira, aquecendo o ar no interior do recinto. Durante o auge do Império Romano o sistema evoluiu, as pessoas passaram a utilizar dutos com água quente, que

espalhavam o calor por toda a habitação, sendo necessário ter somente uma fonte de fogo, e não uma em cada cômodo. Ao pousar meus pés sobre a madeira de cipreste, comecei a sentir, de fato, um calor muito sutil e reconfortante. Sinceramente, fiquei maravilhado. Aquela era a área mais espetacular da casa do lago, e o calor do piso transmitia uma energia encantadora suficiente para regular a temperatura da sala, sem necessidade de lareira ou incomodas estufas. Naturalmente, sabendo um pouco da especial psicologia de meu anfitrião, não hesitei em fazer grandes elogios à ideia e àquela parte do imóvel, enquanto Isis colocava sobre a mesa diferentes iguarias. Foi a primeira – e única – vez, naquela noite, que vi esboçar-se um fugaz sorriso sincero no rosto quase pétreo de Deborah, que reapareceu com uma correspondência e sumiu novamente por trás da cortina, como se fosse uma abstração. - Bem, vamos degustar essa leve refeição – disse Lúcio. - Parece apetitosa – afirmou Elias. Esperei Maria confirmar, mas ela apenas sorriu, concordando. A ‘leve refeição’ que minha filha servia consistia, entre outras minúcias, de frutos do mar e ostras; de galinhas cevadas e untadas sobre ostras empanadas e outros mariscos. E tudo isso como entrada. - Não sabia que você era perita em frutos do mar – disse para Isis. - Raul e Semiramis ajudaram. Ela deu um riso e continuou a servir.

Os demais pratos foram ainda melhores: lombinho de corça, pássaros fritos em farinha e algo que eu jamais havia visto – empadas de teta de leitoa e tâmaras submersas em um negro e doce suco de uvas. - Gostou? - Estou pensando como vamos comer tudo isso, professor. Ele gargalhou. - Creia, eu, Elias e Maria somos bons nisso. Comemos como mortos-nunca-mortos, amigo. Não duvidei. Aproveitei e enlacei a conversa: - Mortos-nunca-mortos? Isis olhou para mim e imediatamente lembrei suas visões no estacionamento do shopping a meio caminho do metrô. Estava estampada na sua face a preocupação com as visões. Mortos-nunca-mortos, caminantes acorrentados utilizados por demônios, o rei dos mortos, o que mais ouviria a respeito do além-vida? - Figura de linguagem – explicou o professor, coçando o queixo. - Sim – confirmou Elias. - O que pensa sobre isso, João? Voltei-me para a autora da pergunta. Os outros silenciaram. - Sobre os mortos-nunca-mortos? Maria arqueou as sobrancelhas, enquanto o silêncio preenchia cada canto do salão. - Sobre a comida – ela explicou, risonha. - Ah, sim... a comida. - Essa tão grande quantidade capaz de alimentar uma tropa – ela riu. - Lúcio é mesmo espalhafatoso – brincou Elias, em seguimento à sua risada. Eu sacudi a cabeça e respondi: - Bem, parece ser bom. - Sente-se, Isis – determinou Lúcio. - Obrigada. - Participe do jantar. Sente-se ao lado do seu pai. - Cuidado garota, Lúcio é assim mesmo. Convidou o pai e estendeu o convite para você por uma simples razão: se a comida não estiver boa de verdade, acredite, ele não perdoará – caçou Elias, sob o olhar galhofeiro do dono da casa.

- Costumo cobrar certos errinhos assim... – rebateu Lúcio. Todos riram e Lúcio prosseguiu: - Bem, algumas vezes lanço mão do perdão e deixo para lá. A propósito, essas empadas estão excelentes – observou. Entre risos e gracejos, Elias perguntou-me se eu havia tido a ocasião de saborear manjares como aquele. Para seu regozijo, respondi-lhe que preferia a frugalidade, mas que a ceia estava divina. E, devolvendo ao prato uma daquelas untuosas empadas de teta de leitoa, começou a rir às gargalhadas, enquanto enchia o copo. Isis e eu trocamos um olhar de repugnância, e optamos em deixar que eles conduzissem a conversa, que varou horas. O tempo transcorreu veloz. Eles comeram como se aquela fosse a última refeição da humanidade antes de uma guerra atômica. Comeram e beberam. Lúcio esvaziou a enésima taça de vinho e reclinou-se, com Elias ao lado. Como eu começava a supor, os vapores do vinho e a comilança não tardaram a fazer efeito, e logo a conversa amainou. Somente Maria mantinha-se sóbria. Ela, eu e Isis. No seu olhar existia um oceano aparentemente indecifrável. Quem seria aquela interessante mulher, afinal? Logo eu teria respostas para minhas dúvidas.